

Tema: A cultura do pensamento na sala de aula
Devolução Observação Grupo 07: Professora Simone Lemos.

Thais Almeida Costa

Antes de iniciar a observação na sala do grupo 7 da professora Simone, alguns questionamentos surgem como ponto de partida para a minha reflexão: Como seria possível realizar o trabalho com a “cultura do pensar” com as crianças menores? Quais adaptações seriam necessárias? Seria viável trabalhar com todas as dimensões propostas por Tishman (1999) nesse contexto?

Logo ao entrar em sala, percebo que essas dúvidas seriam imediatamente sanadas e que algumas boas surpresas me aguardavam. Já eram evidentes alguns elementos culturais, como o quadro “Palavras da Cultura do Pensar”, contendo vários termos da linguagem do pensar e ainda alguns espaços em branco que poderiam ser preenchidos a partir das sugestões dos alunos:

Argumentar- Imaginar
Hipótese – Estimativa
Informações – Estratégia
Planejar – Penso
Refletir – Inverter
-

Com a chegada das crianças no início da manhã instaura-se imediatamente uma discussão sobre os locais onde cada uma iria sentar. Ana Júlia prontamente se coloca “Eu acho que Ingrid não pode sentar aí porque ela vai conversar!”

“Eu acho? O que já discutimos sobre essa palavra?” – Questiona a professora.

“Aliás, eu **penso** que é melhor Ingrid sentar em outro lugar” – Continua Ana Júlia reformulando a sua fala.

“Eu também **penso** assim. **Concordo** com Ana Júlia” – Destaca Catarina.

Começava a enxergar um cenário onde algumas dimensões da cultura do pensar já estavam sendo postas em prática. Delineava-se um ambiente de aprendizagem em que várias forças –linguagem, expectativas, valores e hábitos- funcionavam em conjunto no sentido de expressar e reforçar o empreendimento do bom pensar no cotidiano da sala de aula (TISHMAN, 1999).

Logo passaram para a definição das metas do dia. Para a condução dessa atividade a professora logo questiona: “O que precisamos fazer para que o nosso ambiente fique mais propício para o pensar?”

“Precisamos fazer silêncio durante as aulas” – respondem os alunos.

“É verdade, quando tem barulho o que acontece com o nosso pensar? Ele fica confuso, ficamos com dor de cabeça”

Dessa maneira sempre que era necessário pedir silêncio para a turma a professora ressaltava: “Não estamos com silêncio suficiente para pensar!”

Tais intervenções demonstram um professor imbuído do propósito de trabalhar hábitos mentais que beneficiam o pensamento produtivo e que se esforça para moldar o ambiente mais amplo da sala de aula. Percebe-se que Simone aproveita oportunidades que surgem espontaneamente no decorrer do dia, para aumentar a sensibilidade e reflexão dos alunos frente à necessidade de uma atmosfera propícia para o empreendimento do pensar. Percebe-se que já é possível criar artefatos visuais, como listas ou cartazes, que servirão de lembrete das disposições para o pensar, como por exemplo “Alarmes do pensar” e “Disposições para o pensar”(TISHMAN, 1999). Acredito que já existe um terreno fértil para que o trabalho com essa dimensão ganhe uma maior estruturação.

Começa então a contar uma história para as crianças: A história do Macaco Esperto: “O macaco esperto viu uma fruta apetitosa pendendo do galho de uma árvore. Ele estava com muita fome e o primeiro pensamento que lhe ocorreu foi subir correndo na árvore e pegar a fruta. Mas então ele se lembrou que aquele galho era muito fino e seu peso iria fazer com que ele caísse. Então ele parou por um momento e começou a pensar várias maneiras diferentes de conseguir tirar aquela fruta do pé. O primeiro pensamento dele foi esperar o amigo Elefante passar, subir em suas costas e pegar a fruta. Depois ele pensou também em pegar a árvore e sacudir, sacudir até a fruta cair. A terceira idéia foi chamar a amiga Girafa, ele envergaria o galho da árvore até o chão enquanto a amiga Girafa alcançaria a fruta com a boca.”

“Qual seria a melhor idéia? Ele começou a avaliar os seus pensamentos. Na primeira opção ele pensou bem e viu que o problema com a idéia do Tio Elefante era que a fruta estava tão no alto que mesmo com a ajuda ele poderia não alcançar. Então ele avaliou a segunda idéia. Caso ele balançasse a árvore, a fruta poderia cair, se abrir e apenas as formigas poderiam comer. Ele pensou e avaliou a terceira idéia. Se ele pedisse ajuda

para a Amiga girafa, ela poderia também estar com fome e ele seria obrigado a compartilhar o prêmio com a amiga.”

“Então, qual dessas três opções vocês acreditam que ele escolheu?” – Pergunta a professora.

“A da girafa!” – respondem empolgados.

“Isso mesmo, ele escolheu a girafa. O que ele teve que fazer para tomar essa decisão?”, questiona Simone.

“Ele tinha uma vontade” – respondem.

A partir das intervenções da professora concluem que o Macaco Esperto tinha uma meta e que fez uma tempestade de idéias.

“Depois, o que o Macaco fez?”, continua a questionar a professora.

“Ele avaliou as idéias!” conclui Catarina.

“Idéias é uma palavra do pensar?”, pergunta Ingrid

Todos respondem positivamente e a professora registra a palavra no quadro “Palavras da Cultura do Pensar”.

“Avaliar também é uma outra palavra!” destaca um outro aluno.

“Bem lembrado!” ressalta Caio para o colega.

Após registrar os termos da linguagem do pensar a professora coloca no quadro os três passos necessários para a resolução de problemas:

- | |
|--|
| 1° Ter uma meta
2° Pensar –tempestade de idéias
3° Avaliar as idéias
4° Escolher a melhor idéia |
|--|

“Quando vocês resolvem os problemas aqui na sala vocês seguem esses passos?”, pergunta Simone.

“Alguns!” – respondem

“E porque esse Macaco é esperto?”, novamente a professora.

“Por que ele pensou antes para as coisas não saírem errado”, respondem

“Será que ele tem escola?” pergunta Gabriel

“É a escola da vida!” destaca Simone.

Após essas intervenções a professora ressalta que os passos usados pelo macaco também serão usados para resolver um outro problema. “Será que nós podemos usá-lo para um problema de matemática, por exemplo?” Entrega então uma atividade de

matemática com um problema a ser resolvido em duplas. Enquanto os alunos trabalhavam a professora sempre ressaltava: “Se o macaco tivesse pensado só uma estratégia, ele teria sucesso? Tentem também pensar de diferentes maneiras. Esse é o nosso objetivo!”

No momento de socializar as diferentes estratégias encontradas para solucionar o problema, algumas falas da professora também merecem ser destacadas: “O que vocês perceberam na hora de pensar?”; “Alguém avaliou o pensamento?”; “Qual era a nossa meta?”

Todas intervenções e a maneira como as discussões foram conduzidas demonstram um planejamento intencional por parte da professora e uma evidente fundamentação teórica, o que possibilitou a pertinência das orientações didáticas. O objetivo de trabalhar com o espírito estratégico foi alcançado, pois foram criadas oportunidades para que as crianças refletissem sobre o próprio pensar, fomentando o pensar estratégico e o planejamento.

Uma estratégia de pensamento vem a ser um plano explícito e articulado de como tecer um caminho em meio a uma situação intelectualmente desafiadora (TISHMAN, 1999). Nesse sentido, trabalhar a resolução de um problema matemático da maneira como foi proposto, possibilita que o enfoque da atividade não seja apenas o produto, o resultado, mas principalmente o caminho percorrido para se chegar a uma determinada decisão. Temos então o desafio de ampliar esse tipo de proposta para as demais disciplinas curriculares, inserindo também o trabalho com a dimensão do “ensinar para transferir”: oportunizar que os alunos apliquem as estratégias e disposições do pensar em outros contextos diferentes, que não apenas o da sala de aula.

Uma outra dimensão do pensar que também esteve presente durante a atividade foi a “gestão mental”. A todo o momento a professora incentiva os alunos a serem seus próprios críticos intelectuais. Como ressaltava Tishman (1999), a metacognição é um componente-chave do bom pensar e quando trabalhada desde as séries iniciais possibilita a construção de padrões mentais alicerçados na criatividade e autonomia.

Dessa forma faz-se necessário incorporar no planejamento docente atividades que permitam que os alunos tornem-se mais conscientes dos próprios processos mentais, aprendendo a avaliá-los e a direcioná-los de maneira mais produtiva. Sugiro que essa intenção de trabalhar com a gestão mental possa também estar presente nas tarefas de casa. Como propõem os autores, pode ser solicitado nessas tarefas que os alunos ponham no papel algumas frases que descrevem e avaliam seu pensar no final da

leitura de um capítulo em um texto, por exemplo. Isso encoraja os alunos a se tornarem gerentes mentais autônomos mesmo fora da escola.

Também foi muito gratificante perceber as crianças motivadas com a reflexão sobre a linguagem do pensar. É evidente o envolvimento de todos, o que indica que mesmo as crianças menores têm condições de entender conceitos aparentemente sofisticados. Torna-se necessário também destacar que a professora parece modelar a sua própria linguagem, buscando usar palavras precisas quando faz perguntas aos alunos e os incentiva a utilizar estas palavras nas mais variadas discussões (TISHMAN, 1999).

Todas essas dimensões do pensar podem ser potencializadas a partir de outras iniciativas, como por exemplo, incluir nos trocando ideais e relatos dos professores no portfólio comentários a respeito do que é percebido em relação às habilidades mentais dos alunos e seu processo de desenvolvimento.

Acredito que, no momento, o nosso desafio enquanto equipe é buscar um alinhamento das práticas docentes a partir dessas experiências compartilhadas. É importante que cada professor faça uma reflexão a respeito do seu planejamento, da condução da rotina, da sua postura em sala para que possa perceber os avanços alcançados e aquilo que ainda precisa ser revisto.

A prática de Simone revela a importância de um professor engajado com a sua formação que busca através da leitura fundamentar suas ações em pressupostos bastante coerentes. É gratificante perceber que todos os outros elementos da rotina são bem conduzidos: utiliza sanções por reciprocidade, pois a turma apresenta muitos desafios comportamentais, quadro de responsabilidade funcionando, diário de classe com registros que não apontam os nomes das crianças, rotina compartilhada sempre em dia, estabelecimento de metas e sua respectiva avaliação, etc.

Obrigada, Simone, pela oportunidade! Seu trabalho merece ser compartilhado!

Abraços, Thais.

Referência:

TISHMAN, S.; PERKINS, D. N.; JAY, E. **A Cultura do pensamento na sala da aula.** Porto Alegre: Artmed, 1999.